



SUJEITOS LÍQUIDOS: AS FORMAS DE REFERENCIAÇÃO NO DISCURSO DO SUJEITO MIGRANTE

O Senhor mire e veja, o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou [...], que a coisa mais linda é que o homem não está nunca terminado.
Guimarães Rosa

Luci Schmoeller¹

Sandro Braga²

Resumo: *A globalização tem imposto ao homem um processo de constante transformação de suas relações sociais e, conseqüentemente, de sua identidade. Este trabalho propõe-se a discutir o descentramento da identidade do sujeito como efeito dos tempos modernos. Neste artigo, são analisadas as escolhas lexicais utilizadas para referenciar o sujeito no discurso de um migrante oriundo do campo que passa (con)viver num centro urbano. Sob a égide da Análise do Discurso (AD), de inspiração francesa, a análise busca identificar as marcas linguísticas que configuram o deslocamento da identidade do homem do campo inserido no contexto urbano e o descentramento da identidade experimentado por ele. Os resultados desta pesquisa apontam para um sujeito cindido, marcado pela fluidez na forma de se autorreferenciar, por exemplo, ao mapear suas experiências de vida na cidade e no campo. Esse aspecto da identidade pode ser compreendido como um traço das conseqüências da modernidade sobre a identidade dos sujeitos.*

Palavras-chave: *Linguagem. Modernidade. Identidade. Migração. Autorreferenciação.*

INTRODUÇÃO

As adversidades do mundo moderno forçaram muitos homens do campo para longe de suas terras. À procura de uma vida melhor, esses sujeitos saem com suas famílias em direção a terras estranhas; de posse de uma bagagem e pouco (ou nenhum) dinheiro no bolso chegam aos centros urbanos. Para trás, deixam a segurança do lar, seus costumes, seus vizinhos, seu lugar no mundo. Esta experiência produz uma profunda mudança no modo de (re)constituir esses sujeitos, até então tidos como homens do campo. Num lugar diferente, com costumes diferentes, tornaram-se pessoas diferentes do que eram ao assumir outras posições-sujeito.

¹ Doutoranda em Educação (UDESC), Mestre em Linguística (UFSC), professora de Língua Portuguesa.

² Professor Adjunto da Universidade Federal de Santa Catarina, no Departamento de Língua e Literatura Vernáculas.



A partir desse pressuposto, este trabalho busca identificar no modo de dizer de si indícios dessa mudança no discurso desses migrantes³, para discutir o sentimento de deslocamento e de liquidez⁴ que a modernidade suscitou à identidade do sujeito moderno.

Para Hall (1998, p. 08), as identidades modernas estão sendo “descentradas, isto é, deslocadas ou fragmentadas”, mercê do fato de que as mudanças que transformaram a sociedade no que é hoje estão transformando também o indivíduo social.

Nesse sentido, sabendo que o homem está de alguma forma atrelado a terra, pois ninguém pode estar fora ou além da geografia (SAID, 1995, p. 37), e que as mudanças sociais levaram o homem do campo a se fixar nos grandes centros urbanos, optamos por estudar a identidade do sujeito migrante que saiu do campo, como experiência modelo, para lançar luzes à compreensão do descentramento de identidade que todos nós experimentamos na sociedade moderna⁵.

Stuart Hall (2003), quando abordou a migração Caribenha para a Grã-Bretanha no pós-guerra, trouxe à tona a questão da migração como luz esclarecedora das complexidades que são a nação e a identidade numa era de globalização crescente. Trouxe como foco a relação de pertencimento dos migrantes com a terra de origem: “os assentamentos negros na Grã-Bretanha não são totalmente desligados de suas raízes no Caribe”. (2003, p. 26).

A maioria dos estudiosos que se voltam para a problemática das “identidades” – autores como Hall, Said, Bauman, Chamberleim entre outros – tem como foco a questão da nação: identidades nacionais. Contudo, os relatos acerca da experiência da migração do sujeito do campo podem também nos dar, em boa medida, indícios desse sentimento de deslocamento que o homem moderno experimenta. É nesse ponto que este trabalho se diferencia dos demais. Nessa direção, partimos, aqui, dos conceitos de identidade propostos por esses autores – advindos, sobretudo, do campo da sociologia –, no entanto não nos restringimos à ideia de identidade como forma de identificação estanque, uma vez que, para a análise discurso, aquilo que se caracteriza como identidade faz parte de uma representação cristalizada, formada pelo imaginário como efeito de real do discurso. Dito de outro modo, o conceito de identidade não é absorvido facilmente pela AD em vista de que essa vertente teórica compreende o sujeito em sua incompletude, e que está, sempre, a constituir-se afetado pela história e por sua formação ideológica. A análise do discurso, a partir dos trabalhos de Pêcheux, compreende que o indivíduo só se torna sujeito ao tomar a palavra para si, sobe a ilusão de ser fonte do dizer e de controlar o sentido do que diz. Desse modo o sujeito assume o seu lugar no discurso interpelado pela ideologia de forma inconsciente, pois o sujeito é sócio-historicamente constituído, o que resulta num sujeito cindido, clivado, descentrado, que não se constitui como origem do discurso e sim a partir do discurso que assume como seu. Assim, a identidade até pode

³ O termo “migrante” é utilizado neste artigo para referir-se ao homem do campo que sai de sua terra natal e radica-se na cidade.

⁴ “O que todas as características dos fluidos mostram, em linguagem simples, é que os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. (...) Os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la.” (BAUMAN, 2001, p. 9). O conceito “liquidez” foi utilizado por Bauman como metáfora para caracterizar a flexibilidade das relações e da identidade do homem moderno.

⁵ O sentido dos termos “modernidade” e “pós-modernidade” ainda que confuso não está sendo tomado aqui distintivamente. Uma vez que este trabalho não visa fomentar essa diferença, o termo “modernidade” está sendo utilizado com a intenção de caracterizar o contemporâneo.



ser compreendida como traços do sujeito no que concerne o seu grupo social, mas não como limite de sua subjetividade. É, também, no grupo social que a produção da representação do sujeito se dá, representação essa que passará a incidir numa ou outra posição que o sujeito assume em processos de interlocução.

Dado o exposto, entendemos que os migrantes, com suas histórias de vida, constituem-se numa relação metonímica a modelos de liquidez da identidade, entendido aqui como característico do panorama da modernidade. Refletir sobre essas experiências pode ser um passo na busca pela compreensão acerca de quem somos. Por esse motivo, numa perspectiva, também, filosófica, intenta-se ultrapassar a mera descrição dos fenômenos sociais.

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo discutir o descentramento que é próprio do sujeito moderno, através da análise do discurso do sujeito migrante, identificando as marcas linguísticas que configuram uma certa identidade do sujeito tido como homem do campo inserido no contexto urbano.

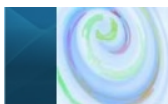
A CONSTRUÇÃO DO SUPORTE TEÓRICO

No início do século XX, Saussure inovou os estudos sobre a linguagem, ao constituir a língua como objeto da linguística. Apesar de afirmar o caráter social, coletivo da língua, suprime qualquer relação da língua com o mundo, o sujeito e as relações entre sujeitos (GUIMARÃES, 1995, p.19). Ao dicotomizar língua x fala, ele separa o aspecto abstrato da linguagem, isto é, o social do concreto (individual) (ORLANDI, 1996, p. 98). Nesses termos, está fora da questão da linguagem a subjetividade.

Emile Benveniste, considerado o representante principal da teoria da enunciação, trouxe ideias inovadoras para a linguística, como a suposição da articulação dos sujeitos e a estrutura da língua. Apesar de sua semântica ser pautada em princípios estruturais, apresentou meios de tratar a enunciação, baseados no homem na língua. Apresentou um modelo de análise da enunciação em que os interlocutores referem e co-referem na atribuição de sentido às palavras. Isso possibilitou o entendimento da categoria de pessoa e dos conceitos de intersubjetividade, básicos em sua teoria (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 32).

Benveniste (1989, p. 82) conceitua a enunciação como uma relação do locutor com a língua: o locutor se apropria da língua pondo-a em funcionamento. Ele trata a questão do sujeito (para ele, o sujeito da enunciação) como uma questão linguística: a enunciação é uma relação do sujeito com a língua. O sujeito dela se apropria, pondo-a em funcionamento.

Segundo Benveniste (1995), o homem se constitui como sujeito na e pela linguagem, sendo a subjetividade entendida como a capacidade do locutor para se propor como sujeito. O fundamento da subjetividade se determina, assim, pelo status linguístico da pessoa. A interação entre os sujeitos desenvolve a subjetividade pelo contraste com o outro. “Eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um tu” (BENVENISTE, 1995, p. 286).



Em todas as línguas podemos encontrar uma classe de palavras que remete ao sujeito que fala a outro sujeito. São os pronomes pessoais.

Como é que o mesmo termo poderia referir-se a qualquer indivíduo e ao mesmo tempo identificá-lo na sua particularidade? Estamos na presença de uma classe de palavras, os ‘pronomes pessoais’ que escapam ao status de todos os outros signos da linguagem. [...] eu se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor. [...] É na instância de discurso na qual eu designa o locutor que este se enuncia como ‘sujeito’ (BENVENISTE, 1995, p. 288).

Isso é sinal de que o fundamento da subjetividade está no exercício da linguagem. Os pronomes são uma das formas de revelar o sujeito através da linguagem. Existem outras classes que têm o mesmo status. São os dêiticos: pronomes demonstrativos, advérbios, adjetivos, entre outros, que organizam na linguagem um referente capaz de “constituir” o sujeito perante outro sujeito.

Além disso, a noção de tempo, tanto marcado pelos verbos ou por outras palavras, contribui para a subjetividade.

A temporalidade humana com todo o seu aparato linguístico revela a subjetividade inerente ao próprio exercício da linguagem. [...] A linguagem de algum modo propõe formas ‘vazias’ das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua pessoa definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como eu e a um parceiro como *tu*. (BENVENISTE, 1995, p. 289).

Embora os estudos de Benveniste representem um grande passo aos estudos da enunciação, ainda eram centrados numa subjetividade “ego-cêntrica”, “o sujeito de Benveniste é um eu que se caracteriza pela sua homogeneidade e enunciação, e se constitui à medida que interage com um tu – opondo-se ambos à não-pessoa” (BRANDÃO, 1991, p. 49), isto é, a constituição do sujeito se dá mesmo quando não se enuncia um eu. Formas indeterminadas encontradas no discurso científico, objetivando a impessoalidade e a utilização do ele para referir-se a si mesmo no discurso dos esquizofrênicos, como apagamento da responsabilidade da enunciação, são exemplos de outra forma de enunciação que mascara o sujeito, mas, também, é uma forma de constituição da subjetividade (BRANDÃO, 1991, p. 48).

A partir do questionamento da concepção de sujeito enquanto ser único, central, origem e fonte de sentido, formulada inicialmente por Benveniste, surge a noção de sujeito ideológico: aquele que enuncia de um determinado lugar e de um determinado tempo, cuja fala faz emergir outras vozes (BRANDÃO, 1991, p. 49).

Num viés mais social, Bakhtin (2000) defende o dialogismo da linguagem como uma condição constitutiva do sentido. Ao analisar os mecanismos de enunciação de diversos textos literários, qualifica-os de polifônicos, uma vez que os autores utilizam “máscaras” diferentes que representam várias vozes a falar simultaneamente. “O discurso se tece polifonicamente, num jogo de várias vozes cruzadas, complementares, concorrentes, contraditórias” (BRANDÃO, 1991, p. 53).



O conceito de subjetividade, então, estaria centrado num sujeito que se divide porque é uma parte de um todo que interage com outros discursos e outros sujeitos marcados histórico-socialmente, intersubjetivamente. “Em Bakhtin, o sujeito é uma autoconsciência que se constitui reflexivamente pelo reconhecimento do outro no discurso” (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 59). Bakhtin refere o sujeito como um dos elementos que marca a diferença entre a enunciação e a oração.

Num outro momento, Ducrot (1987, p. 89) introduz a tese segundo a qual é possível verificar diferentes representações do sujeito da enunciação no sentido do enunciado. Primeiramente, faz a distinção entre frase e enunciado, cujos valores semânticos seriam o significado e o sentido, respectivamente. Para Ducrot, o sujeito não é um produtor de fala, mas uma representação no sentido do enunciado. O locutor é o responsável pela enunciação, as marcas de primeira pessoa no enunciado são remetidas a ele. Assim, Ducrot faz uma distinção entre falante (ser no mundo), locutor (fonte do discurso) e enunciadore (ser que exprime o seu ponto de vista através da enunciação, sem que lhe sejam atribuídas palavras precisas).

Contudo, essa concepção polifônica de Ducrot exclui a noção de historicidade presente na concepção bakhtiniana. Essa historicidade é ponto central na concepção de sujeito desenvolvida na Análise do Discurso, numa relação dinâmica entre identidade e alteridade. (BRANDÃO, 1991, p. 62).

Tendo o discurso como objeto social e histórico, lugar de conforto e/ou de confronto para os sujeitos, a AD vai preocupar-se com as condições de produção dos discursos. (ORLANDI, 1996, p. 12). Para isso, procura “problematizar continuamente as evidências (enquanto evidências) e explicitar o seu caráter ideológico.” (ORLANDI, 1996, p. 13).

Ora, se a língua funciona na medida em que um indivíduo ocupa a posição de sujeito no acontecimento (GUIMARÃES, 1995, p. 69), ela (a língua) é constituída pelo sujeito e ele por ela. Portanto, é “quando o indivíduo se encontra interpelado como sujeito e se vê como identidade que a língua se põe em funcionamento” (GUIMARÃES, 1995, p. 70). Nessa direção, Orlandi (1996, p. 98) compreende que a língua cria identidade, uma vez que “a estrutura da sociedade está refletida na estrutura linguística.”

O termo identidade é cercado por uma imprecisão conceitual. Várias são as áreas que se dedicam ao tema, como a Antropologia, a Filosofia, a Sociologia e a Psicologia. Para a Psicologia, o termo se duplica em: Identidade Pessoal, que são os atributos específicos do indivíduo; e Identidade Social, que corresponde aos atributos que assinalam a pertença a grupos ou categorias. Segundo Laurenti e Barros (2000), é na articulação desses conceitos que a identidade é tecida. O contexto social fornece condições para os mais variados modos e alternativas de identidade. Assim, o termo expressa, de certa forma, uma singularidade construída na relação com o outro.

Ainda no campo da psicologia, atrelada à identidade está a subjetividade. Esta última como uma dimensão do sujeito que, associada ao contexto social, produz esse sujeito. Segundo Maheirie (2002), subjetividade e consciência se referem a uma mesma coisa, é o que Sartre, na filosofia, chamou de ser para-si – ser que estabelece sentidos, significados para o mundo e para si mesmo. O sujeito é composto de duas dimensões: objetividade (corpo) e subjetividade (consciência). Estas duas dimensões compõem um projeto que movimenta e transforma o sujeito num processo de superação em busca do



novo, do inexistente. “Ao realizar um ato qualquer, o sujeito o escolhe dentre alguns possíveis [...]”. Ao escolher, singulariza o que é coletivo, tornando-o individual (MAHEIRIE, 2002). Portanto, nessa perspectiva, a subjetividade faz parte do processo de construção da identidade. “O EU, ou a identidade, ou a especificidade do sujeito, aparece como produto das relações do corpo e da consciência com o mundo, consequência da relação dialética entre objetividade e subjetividade no contexto social” (MAHEIRIE, 2002).

Importante lembrar que, para a AD, subjetividade não pode ser tomada como sinônimo de identidade. A subjetividade, em análise do discurso, não é fruto da tomada de consciência tal como na visão de Maheirie (2002), ao contrário, a subjetividade é condição da tomada de uma posição no discurso, afetada pela ideologia, sem que o sujeito se dê conta de sua condição de produção sócio-histórica.

Na antropologia e na sociologia, a identidade está intrinsecamente relacionada ao sentimento de *pertencimento* a um grupo social. Através da identificação com outras pessoas que tenham origem e hábitos, entre outras características comuns, é que se formam os indivíduos⁶ que galgam um lugar em sociedade.

No entanto, as diversas transformações pelas quais a sociedade vem passando ao longo do último século estão tornando este pertencimento cada vez mais fluido. Alguns estudiosos defendem que as identidades culturais, principalmente a que se refere à identidade nacional, estão sendo deslocadas por um complexo de processos e forças de mudança, que podem ser sintetizados sob o termo de “globalização”. Hall (1998, p. 67) faz uso do argumento de Anthony McGrew (1992), para quem a “globalização” diz respeito aos processos atuantes em escala global, que ultrapassam fronteiras e organizações numa outra relação de espaço-tempo, transformando o mundo numa experiência real, e, assim, mais interconectado.

No tocante às transformações das identidades pessoais, Hall (1998) congrega com os teóricos que acreditam que as identidades modernas estão entrando em colapso em virtude de um tipo diferente de mudança estrutural na sociedade do século XX:

Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça, e nacionalidade, que no passado nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. [...] abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo. (HALL, 1998. p. 09).

A questão da identidade está estreitamente ligada ao lugar ao qual o sujeito pertence. O sujeito identifica-se com aqueles que têm características comuns e opõe-se aos que têm características dessemelhantes. Isto se torna muito evidente quando grupos distintos disputam o mesmo espaço geográfico ou cultural. “As batalhas de identidade não podem realizar a sua tarefa de identificação sem dividir tanto quanto, ou mais do que,

⁶ Na perspectiva da análise do discurso não se usaria do termo ‘indivíduo’, pois a ideologia converte a pessoa física em sujeito ao tomar a palavra e assumir um lugar no discurso.



unir. Suas intenções includentes se misturam com suas intenções de segregar, isentar e excluir” (BAUMAN, 2005, p. 85). Quando uma minoria entra no território de outrem, precisa unir-se àqueles com quem se identifica, para ter mais força na luta pelo espaço: “Você precisa submeter os seus interesses pessoais em benefício da solidariedade de que o seu grupo necessita para resistir a um grupo ainda maior que pretende tirar de você tudo que lhe é caro e violar seus interesses. Unidos venceremos, separados seremos derrotados” (BAUMAN, 2005, p. 84).

O sujeito que migra para outra terra precisa encontrar um novo grupo com que se identificar e em que possa se apoiar, pois, conforme Said (1995, p. 37-38), “Nenhum de nós está fora ou além da geografia, da mesma forma nenhum de nós está fora ou totalmente ausente da luta pela geografia. Essa luta é complexa e interessante porque não se restringe a soldados e chanhões, abrangendo também ideias, formas, imagens e representações”.

No entanto, o sujeito não será o mesmo que era na terra natal, nem tampouco poderá se considerar integrado completamente à nova terra. Mary Chamberlein (1947) conta que os entrevistados de sua pesquisa falam da dificuldade sentida, por muitos dos que retornam, em se ligar a suas sociedades de origem. Sentem que a “terra” tornou-se irreconhecível. Sentem-se felizes por estar em casa, mas, ao mesmo tempo, parece que os elos naturais e espontâneos que antes possuíam foram interrompidos pela experiência da diáspora.

DO MÉTODO À PROPOSTA ANALÍTICA: A ALTERIDADE NA AUTORREFERENCIAÇÃO

Os dados que constituem nosso *corpus* analítico foram coletados através de entrevista com um migrante⁷ que saiu do campo, de uma região agrícola da cidade de Marechal Cândido Rondon, no Paraná, para uma cidade em pleno crescimento industrial e urbano, Joinville, em Santa Catarina. O tipo de entrevista utilizada foi aberta, apesar do uso de um conjunto de tópicos previamente levantados para guiar as perguntas. A entrevista ocorreu na residência da entrevistada e transcorreu aos moldes de um diálogo. Depois de gravadas, as falas foram transcritas de modo a subsidiar as escolhas das seqüências discursivas que fazem parte da análise que empreendemos a seguir.

Como já sinalizado, fazemos uso dos pressupostos teóricos da análise do discurso da linha francesa, para, a partir dos recortes enunciativos, analisar o modo como o sujeito diz de si ao referir a si. Dito de outro modo, nosso foco recai na observação do uso da linguagem, partindo das escolhas lexicais feitas pelo sujeito no ato da fala, como marcas linguísticas presentes no discurso desse sujeito, para os efeitos de sentido que remetem à mudança na sua identidade e ao seu sentimento de pertencimento ou não ao lugar de onde fala e do qual fala. E, assim, mostrar o que pode ser visto como um modelo do descentramento experimentado pelo sujeito na (des)ordem da modernidade.

⁷ Estamos usando o termo ‘migrante’ de forma genérica, sem marcar o gênero feminino da entrevistada, identificada pelo o pseudônimo: Maria.



A abordagem dos fatos linguísticos, ligados à questão de representação do sujeito do discurso, pode nos dar elementos para indicar especificidades do discurso do migrante em situação de contato. “O sentido de um enunciado é a representação de sua enunciação, incluindo, necessariamente, uma representação das posições do sujeito da enunciação do enunciado.” (ORLANDI, 1989, p. 35).

Ratificamos que o objetivo deste trabalho centra-se na identificação das regularidades e irregularidades das escolhas lexicais desse sujeito que migra do campo para a cidade, a fim de descrever as condições materiais do discurso, isto é, suas regras de formação, quando posto em processos de interlocução cujo mote é falar de si.

Nossa análise recai sobre o uso dos referentes (de si) utilizados nos enunciados proferidos pelo sujeito de nossa pesquisa. Primeiramente apontamos como o referente eu – pronome pessoal que marca aquele que fala em primeira pessoa do singular – flutua para a construção perifrástica a gente, com aspecto de pronome pessoal de primeira pessoa do plural, como pode ser observado no recorte (1):

(1) *O meu caso é bem particular, né... Quando **eu** vim pra cá, a minha irmã era professora, diretora de escola, ela morava próximo à escola onde ela trabalhava, **eu** não vim como **eu** Maria, **eu** era a irmã da dona Marinete. Então **eu** saía na rua, todo mundo conhecia... ou era aluno da escola, ou ex-aluno, ou pai de aluno que conheciam ela e sabiam onde ela morava, então sabiam que quem tava ali era a família dela, então **eu** saía, **eu** era irmã da dona Marinete, não era **eu**. Então o que **a gente** via, era isso, o reconhecimento **da gente**. Sempre foi **essa rotulação** assim né, sempre foi a fulana que é irmã de siclana, porque ela já era referência. **Hoje** não, depois de tempo passado, **a gente** não mora mais no mesmo lugar. Então **hoje** não, **hoje** já percebo que eles **me** reconhecem pelo que **eu** sou, pelo meu trabalho. Por mais que muitos sabem que **eu** tenho uma irmã da função que ela tem, às vezes quando **eu** chego numa escola: “ah, você é a irmã da fulana. Né?” Inevitável, mas **hoje**, o meu trabalho **eu** já sou reconhecida pelo trabalho que **eu** faço [...]*

Essa mesma flutuação do referente do pronome pessoal de primeira pessoa do singular eu para a construção a gente, com marca de primeira pessoa do plural, pode ser observada, também, no recorte (2):

(2) *Não em termos de costumes assim, não percebi muita diferença. A maior diferença foi o fato né de sair do campo e vir pra cidade. No **campo**, **a gente** tava ali é... só tinha convívio diário com a **família**, né, e quando ia pra **escola**, fora isso não. Convívio com mais gente, só fim de semana, quando ia pra **igreja**, quando tinha uma festa, quando tinha algum evento. E **aqui não**, é tu sair na **rua**, é aquela multidão de gente, né. Então a maior da dificuldade foi essa, da questão rural pra questão urbana... Foi logo que **eu** cheguei, **eu** já fiz o vestibular, aí **eu** esperei o resultado, **passei no vestibular**, já fui ficando, então, o meu maior contato foi com o pessoal da **faculdade**.*

É possível apontar certa regularidade observada nesses recortes: o aparecimento do referente a gente está associado ao campo – primeiro paradigma – com remissão à escola, à família e à igreja delimitando, assim, o espaço enunciativo do falar do campo. Da mesma forma, o uso do referente eu está associado à cidade – segundo paradigma –, marcados nos dizeres que remetem ao vestibular e à faculdade.



É interessante observar que, mesmo dizendo-se sozinho no campo, o sujeito constitui-se coletivizado na expressão “a gente”, sugerindo como as relações se estabelecem, marcadas por trocas intersubjetivas.

Por outro lado, chama a atenção, ainda no recorte (2), a utilização de um novo referente: “E aqui não, é *tu* sair na rua, é *aquela multidão de gente*”. O uso do pronome pessoal de segunda pessoa do singular tu aparece como uma nova forma de referenciar o eu, no entanto esse registro produz um efeito de distanciamento do eu, uma certa impessoalização do eu, pois no processo de interlocução pode inferir que esse tu refere-se ao outro. Contudo observa-se que a experiência relatada pelo sujeito só pode servir de exemplo daquilo que foi vivido pelo eu e não pelo tu-outro. Disso, inferimos que a alternância referencial nessa passagem pode ser uma pista à dificuldade de o sujeito relacionar-se com o modo de (con)viver (com)dos habitantes da cidade. Além disso, essa dificuldade está presente no próprio lugar em que o sujeito experimenta um novo modo de constituir-se, em um bairro da cidade, assim, o bairro e a cidade ficam associados a uma experiência negativa. Em virtude disso, quando fala da cidade “aquela multidão de gente” prevalece a forma de referir-se com o pronome pessoal singular tu, tomado como forma de referir um eu ainda mais distante, mais impessoal, o que pode apontar para um efeito de sentido contrário à experiência do/no campo. O uso do tu=eu+impessoal pode estar apontado para um sentimento de isolamento em meio à multidão.

Já na expressão “aquela multidão de gente”, o termo gente não pode de modo algum ocupar uma posição de pronome pessoal tal como em “no campo, a gente tava ali”. Como dito, “a gente” serve para marcar o sujeito que fala de si intersubjetivamente de forma pluralizada, coletiva, quando fala do campo, e, “aquela [...] gente” só pode se referir a um conjunto indeterminado de pessoas, habitantes de um determinado território, mas a que o eu não se inclui na cidade.

Essa não identificação com o lugar e, por conseguinte, consigo próprio também pode ser observada no fragmento “eu saia na rua [...] não era eu”. Interessante notar que mesmo marcando a não identificação de si, usa o pronome eu de primeira pessoa do singular, uma espécie de denegação do sujeito. Dito de outro modo, é preciso, em primeiro lugar, ser sujeito para não se reconhecer como tal.

O mesmo aspecto da experiência negativa vivenciada na cidade pode ser observado em outros recortes da entrevista:

(3) *Foi difícil, eu lembro que foi. Até hoje eles têm preconceito para com o paranaense... é... eu lembro que o pessoal pegava muito no pé, pé vermelho, né. E tinha que cuidar muito que a gente... a maneira de falar é diferente, né. Então se tu cometia um deslize, falar diferente do que eles falam aqui, eles “metem o pau em cima”.*

(4) *Tratam. Tratam diferente... e é até interessante, quando a gente tá aqui, a gente não é daqui, a gente veio porque a gente veio de fora... em Joinville tu é paranaense. Ai quando você volta pra lá, pelo fato de tá morando tanto tempo aqui já, aí lá eles não te reconhecem mais como alguém de lá. Você já é daqui. Te consideram como sendo daqui. Então tem que vê, tem muita diferença sim, e assim, a gente acaba perdendo contato um pouco, né. A gente mantém o contato com a família, mesmo. Com as outras pessoas, a gente acaba perdendo o contato. Então, pessoas com quem eu estudei, meus amigos de escola, a maioria também já não mora por lá, a gente acaba*



perdendo contato. Então tu volta hoje, essas pessoas, a maioria que são da idade da gente não estão mais por lá. E os que eram crianças hoje estão tudo adulto, a gente não viu crescer, a gente não tem vínculo. Então a gente acaba tendo vínculo apenas com a família e poucas pessoas além disso.

Da mesma forma que no recorte (2), nos recortes (3) e (4), a utilização do referente (*tu* e *você*), designando o sujeito que enuncia, aparece ao abordar uma situação de dificuldade: “se **tu** cometia um deslize”; “em Joinville **tu** é paranaense”; “quando **você** volta pra lá”; “**Você** já é daqui. **Te** consideram...”; “**tu** volta hoje”. A essa forma de referenciar aparecem os substantivos *preconceito*, *deslize* e o adjetivo *diferente* adjuntos a formas de terceira pessoa. Em outras palavras, nessa situação de conflito, o *tu* ou *você* surgem para marcar o *eu* que se confronta com o pronome de terceira pessoa do plural *eles*: “**eles** não **te** reconhecem”; “falar **diferente** do que **eles** falam aqui, **eles** “**metem o pau em cima**”; “**Te consideram** como sendo daqui”. Para Benveniste (1989), os pronomes de terceira pessoa não apresentam marcas de pessoa, ou seja, não referem a ninguém no processo enunciativo, é sempre de quem se fala, é objeto do discurso. Assim, ao marcar o *tu/você* (para marcar o *eu*) em oposição a *eles*, o *eles* passa a representar não a pessoa do discurso, mas o próprio discurso do sujeito que se diz afetado pelo *preconceito*, pelo *deslize*, pelo *diferente*.

Notamos, também, que quando o sujeito enuncia no recorte (4) já se constitui como um outro *eu*, assim, o *eles* é a representação do discurso de sua não identificação tanto na cidade atual quanto no campo, sua terra natal. Assim, essas escolhas linguísticas explicitam no discurso a experiência negativa pela qual passou e passa por não ser identificado como sujeito em lugar nenhum. Ou seja, a mesma experiência é vivida não só na cidade como também no campo. Eis o sujeito cindido que se constitui dividido nessa nova forma de se (des)identificar e que, aqui, estamos propondo como a liquidez do sujeito. Em Joinville, o conflito é desencadeado pelo falar diferente, pelo preconceito para com o paranaense, como visto nos segmentos: “tu é paranaense”; “pé vermelho”⁸. Ao voltar para a cidade natal, vê-se novamente na situação de diferente: “não te reconhecem”; “Te consideram como sendo daqui”. Essa constatação (re)significa o campo. Antes idealizado, agora é associado a outra experiência negativa.

Nesse sentido, o sujeito parece intuir seu sentimento de não pertencer a lugar algum, apesar de poder estar em todos os lugares e compreender como esses lugares se constituem, o que desemboca num outro modo de perceber a si de forma líquida, usando a metáfora de Bauman (2003), para apontar como a liquidez serve para mostrar uma experiência contraditória na modernidade, ao mesmo tempo em que garante o movimento e o deslocamento de pessoas e de informações, uma vez que os fluidos movem-se facilmente, fluem, vazam; eles também transbordam espaços, sobram, o que produz, por sua vez, a individualização. Ao falar campo – primeiro paradigma – é o *a gente* que aparece: “**a gente**... a maneira de falar é diferente”; “**a gente** não é daqui, **a gente** veio porque **a gente veio de fora**”; é novamente associado à família e à escola. No entanto, nesse novo segmento (recorte 4), vemos uma frase que se repete várias vezes: “a gente

⁸ “Pé vermelho” é uma denominação utilizada para designar os nativos do interior do Paraná, fazendo associação com a cor avermelhada do solo típico dessa região.



acaba perdendo contato”; nesse caso, refere-se ao contato com as pessoas do campo, explicando o conflito de como a não continuidade das relações interpessoais levam o sujeito a constituir-se de modos distintos não sendo mais identificados nesses lugares.

O mapeamento dos referentes na entrevista aponta para uma flutuação nas posições do sujeito no discurso, ora enuncia como sujeito do campo, ora da cidade; ora do bairro, ora da faculdade; ora contrapõe-se ao outro da cidade, ora contrapõe-se ao outro do campo. O real da língua mostrado na materialidade da entrevista nos mostra que, ao falar de suas experiências de vida, o sujeito se (re)configura através da linguagem. A fluidez nas posições de sujeito no enunciado pode ser uma pista para a compreensão do modo como se constitui essa nova discursivamente. A materialidade enunciativa da língua revela uma bifurcação, uma identidade constituída por um sujeito cindido.

Nas palavras de Coracini (2003, p. 151): “Embora o desejo identitário do sujeito procure a todo preço a sua individualidade, esse desejo, recalcado, depara-se com a presença do outro, ou melhor dizendo, de outros [...]”. A ambiguidade é constitutiva da identidade do sujeito.

Esses aspectos contraditórios da formação identitária do sujeito aparecem no momento em que é feito o relato de sua vida. Ocorre um balanço avaliativo e, ao encontrar-se consigo mesmo, compreende sua própria subjetividade. Narrar-se é uma porta para compreender o movimento de alteridade de que se constitui.

Do exposto, lançamos um olhar discursivo sobre a identidade; nessa perspectiva a identidade permanece sempre incompleta, sempre em processo, o sujeito migrante se vê deslocado, composto por pequenos fragmentos, “é atravessado e habitado pelo outro, está inscrito sócio-historicamente e, embora tente camuflar a heterogeneidade que o constitui, é atravessado pelo inconsciente [...] emergindo apenas pela linguagem, lá onde se percebem lapsos, atos falhos”. (CORACINI, 2003. p. 271). Como pudemos ver, é a linguagem que dá pistas para a emergência desse sujeito, um sujeito não uno: esfacelado e fragmentado. A tessitura ou a falta de coerência – em termos de linguística textual - expõe essa alteridade que constitui o sujeito ao dizer de si. “As identificações não existem em si mesmas, elas são incessantemente (re)construídas por meio da diferença, por meio da relação com o outro e emergem apenas por momentos, pela porosidade da linguagem” (ECKERT-HOFF, 2003, p. 273).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da entrevista de um sujeito migrante apontou a alteridade desse sujeito, marcando suas diferentes posições, ora como homem do campo, ora da cidade, ora do bairro, ora da faculdade. O sujeito que se constitui no discurso é histórico, social e descentrado; descentrado, pois é cindido pela ideologia e pelo inconsciente; histórico, porque não está apartado do mundo que o cerca; social, porque não é o indivíduo, mas sim depreendido da relação com o outro. Nos termos de Orlandi (2005, p. 20), “O sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam”.



O uso das diferentes formas de autorreferenciação demonstra que o sujeito é constituído por vários “eus”, caracterizado pela pluralidade, em nosso corpus marcado pelas formas pronominais ora no singular ora no plural. As diferentes posições-sujeito que o migrante ocupou no discurso serviram de indícios de que a experiência da migração nos oferece, em certa medida, uma ideia do sentimento de descentramento experimentado todos os dias pelo homem moderno. O que parece estar em pauta é que o migrante toma consciência desse sentimento de descentramento, embora atribua, ilusoriamente, à experiência da migração; já o sujeito moderno não é consciente desse processo de fluidez imposto pela (des)ordem do nosso tempo.

Esta fluidez nas posições que o sujeito assume é constitutiva da identidade descentrada numa perspectiva discursiva, pois através da linguagem o sujeito se (re)configura à medida que liquefazendo-se vai mapeando suas experiências e transformando-as em dizeres de si.

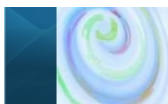
A modernidade rompe com a separação entre espaço e lugar, haja vista que o advento da globalização embaralha as fronteiras geográficas como lugares físicos determinados. Não há mais uma identificação entre sujeitos através de um lugar. Antes, o território que o homem ocupava era berço de uma amálgama cultural, formando o que se chama de identidade. Na modernidade, as longas distâncias são encurtadas, inclusive, pela dinamização da informação. Pode haver interação instantânea entre pessoas a quilômetros de distância e não haver interação entre aqueles que estão lado a lado. Essa nova forma de experienciar o mundo também cria novas possibilidades de posições-sujeito, e, portanto, abertura para a instauração de novas identidades, e, por que não, novas relações entre o homem e a terra.

A mesma relação que o migrante tem com o lugar, sua terra natal e sua nova terra, o homem moderno experimenta através dos efeitos da efemeridade trazida pela separação do espaço e o lugar da era moderna. Seu sentimento de pertencimento e segurança está cada vez mais se esvanecendo.

A questão da identidade sempre supôs uma unidade e uma homogeneidade aparente, mas, sob a ótica do discurso, essa unidade é ilusória, uma vez que somos heterogênea e continuamente constituídos, no entanto nunca completos; estamos sempre na ordem do de vir. Levar em conta essa heterogeneidade que se dá justamente na instância das comparações de igualdade e pertencimento é atentar-se para a complexidade que nos constitui a todos e nos torna mais sensíveis ao sentimento de deslocamento, além de nos permitir compreender melhor e melhor dominar nossas frustrações e decepções. Para isso, é preciso também levar em conta as posições ocupadas pelos sujeitos no mundo moderno e a complexidade das relações sociais com o espaço que ocupamos no mundo globalizado.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
_____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.



- BENVENISTE, Emile. Problemas de Linguística geral I. 4. ed Campinas, SP: Pontes: Ed. da UNICAMP, 1995.
- _____. Problemas de Linguística geral II. Campinas, SP: Pontes Editores, 1989.
- BRANDAO, Helena. Introdução à análise do discurso. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1991.
- CHAMBERLEIN, Mary. Narratives of exile and return. New Jersey, 1947. Disponível em: www.books.google.com.br > acesso em 02/11/2010.
- CORACINI, Maria Jose Rodrigues Faria. Identidade & discurso: (des)construindo subjetividades. Campinas: Ed. UNICAMP, Chapecó: ARGOS, 2003.
- DUCROT, Oswald. O dizer e o dito. Campinas: Pontes, 1987
- ECKERT-HOFF, Beatriz. Processo de identificação do sujeito-professor de língua materna: a costura e a sutura dos fios. In: CORACINI, M. J. (Org.). Identidade e discurso: (des)construindo subjetividades. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, p. 271-275.
- FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. Introdução à linguística da enunciação. São Paulo: Contexto, 2005.
- GUIMARÃES, Eduardo. Os limites do sentido : um estudo histórico e enunciativo da linguagem. Campinas: Pontes, 1995.
- HALL, Stuart. . Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, Brasília: UNESCO, 2003.
- _____. A identidade cultural na pós-modernidade. 2. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- LAURENTI, Carolina & BARROS, Mari Nilza Ferrari de. Identidade: Questões conceituais e contextuais. PSI – Revista de Psicologia Social e Institucional. V 2. n 01. Jun.2000. Disponível em: www.2.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n13.htm > Acesso em 05/11/2010.
- McGrew, Anthony. & LEWIS, Paul G. et al. Global politics. Cambridge, 1992.
- MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. Revista Interações. São Paulo, v 7, n. 13, jun.2002. Disponível em: <http://pepsic.homolog.bvsalud.org/scielo.php> >acesso em 24/10/2010.
- ORLANDI, Eni Pucinelli. Discurso & leitura. 3. ed. São Paulo (SP): Cortez, 1996.
- _____. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 4. ed Campinas: Pontes, 1996.
- _____. Análise do Discurso: princípios & procedimentos. ed. 6°. São Paulo: Pontes, 2005.
- ORLANDI, Eni Pucinelli; GUIMARÃES, Eduardo; TARALLO, Fernando. Vozes e contrastes: discurso na cidade e no campo. São Paulo: Cortez, 1989.
- PERUCHI, Ingrid e CORACINI, Maria J. R. F. In: CORACINI, Maria Jose Rodrigues Faria. Identidade & discurso: (des)construindo subjetividades. Campinas: Ed. UNICAMP, Chapecó: ARGOS, 2003.
- ROSA, Guimarães. Grande Sertão: Veredas. 3ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.
- SAID, Edward W. Cultura e imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Abstract: *Globalization has imposed on the modern subjects a process of ongoing transformation when it comes to social relationships. As a result, such a burden has affected their identity. The purpose of this paper is to discuss the de-centering of identity, a common “modern subject” characteristic. In this article, the lexical choices used to refer to subjects are analyzed. These lexical choices appear in the speech of a migrant who comes from the countryside to live in the city of Joinville. Under the aegis of the Discourse Analysis (DA), of French influence, the study focuses on identifying the linguistic marks on the identity shift of the countryman who is inserted in an urban context, as well as his experience of de-centering. The results of this research suggest the appearance of split subjects who are marked by the fluidity in the way they refer to themselves, for example, when they map out their life experiences in the city and in the countryside. This aspect of their identity can be understood as a trait of the consequences of modernity on the subjects' identity.*

Keywords: *Language. Modernity. Identity. Migration. Self-reference.*